



Patricia Rivoire Menelli Goldfeld
Katya de Azevedo Araújo

Prints da adolescência

A construção subjetiva do adolescente

Blucher



SBP de PA
Sociedade BRASILEIRA de
Psicanálise de Porto Alegre

Prints da adolescência

A construção subjetiva do adolescente

Organizadoras

Patricia Rivoire Menelli Goldfeld
Katya de Azevedo Araújo

Prints da adolescência: a construção subjetiva do adolescente

© 2025 Patricia Rivoire Menelli Goldfeld e Katya de Azevedo Araújo (organizadoras)
Editora Edgard Blücher Ltda.

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenador editorial Rafael Fulanetti

Coordenadora de produção Ana Cristina Garcia

Produção editorial Ariana Corrêa e Andressa Lira

Preparação de texto Rodrigo Botelho

Diagramação Thaís Pereira

Revisão de texto Ana Maria Fiorini

Capa Laércio Flenic

Imagem da capa iStockphotos

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

[contato@blucher.com.br](mailto: contato@blucher.com.br)

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico,
conforme 6. ed. do *Vocabulário Ortográfico
da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira
de Letras, julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial
por quaisquer meios sem autorização
escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela
Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Heytor Diniz Teixeira, CRB-8/10570

Prints da adolescência : a construção subjetiva do adolescente / organizadoras Katya de Azevedo Araújo, Patricia Rivoire Menelli Goldfeld. – São Paulo : Blucher, 2025.

192 p.

Bibliografia

ISBN 978-85-212-2695-6 (impresso)

ISBN 978-85-212-2693-2 (eletrônico - Epub)

ISBN 978-85-212-2691-8 (eletrônico - PDF)

1. Psicanálise. 2. Psicologia da adolescência.
3. Desenvolvimento adolescente. 4. Subjetivação
adolescente. 5. Escuta analítica de adolescentes. I.
Título. II. Araújo, Katya de Azevedo. III. Goldfeld,
Patricia Rivoire Menelli.

CDU 159.964.2

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

CDU 159.964.2

Conteúdo

Prefácio <i>Helena Surreaux</i>	9
1. Adolescência e subjetividade no mundo contemporâneo <i>Helena Surreaux</i>	13
2. Da puberdade à adolescência. Atualizações clínicas <i>Charo Maroño</i>	29
3. Particularidades da transicionalidade no processo adolescente <i>Mara L. Horta Barbosa</i>	41
4. A crise familiar no adolescer <i>Astrid Elisabeth Müller Ribeiro</i>	49
5. Como sofre o adolescente <i>Caroline Milman</i>	59
6. Adolescência – Ato e ato antissocial <i>Ane Marlise Port Rodrigues</i>	71

7. Adolescência e corpo: o que marca o adolescente? <i>Aline Pinto da Silva</i>	95
8. O lugar das adições no universo adolescente <i>Vera Elisabeth Hartmann</i>	105
9. Adolescência e assassinatos em massa: uma visão psicanalítica <i>Ester Malque Litvin</i>	113
10. Consciência geracional, exogamia e subjetivação na adolescência <i>Ana Rosa Chait Trachtenberg</i>	129
11. Quando o desfecho é o suicídio – Contribuições de Donald Winnicott ao entendimento do tema <i>Fábio Martins Pereira</i>	139
12. Mexendo no vespeiro <i>Juliana Lang Lima</i>	147
13. A escuta do adolescente na clínica contemporânea <i>Denise Zimpek</i>	163
14. Como se sai da adolescência? Da adolescência para a capacidade de adolescer <i>Paula Daudt Sarmento Leite</i>	173
Posfácio	187
Sobre os autores	189

1. Adolescência e subjetividade no mundo contemporâneo

Helena Surreaux

A adolescência, como uma posição subjetiva que marca a transição entre o mundo da infância e a vida adulta, se constrói sobre uma íntima relação do sujeito com seu contexto social e cultural, de onde recolhe os significantes que possam brindar-lhe novos sentidos identitários. O distanciamento em relação aos primeiros objetos de identificação empurra o adolescente para fora do ninho e o impulsiona para essa intensa fusão com o laço social, de tal forma que observar os formatos que vão tomando as adolescências permite traçar uma espécie de cartografia de para onde o mundo caminha.

E que podemos dizer sobre esse rumo a partir dos novos formatos que se apresentam e dialetizam com esse sujeito que vive a vulnerabilidade do afrouxamento da identidade infantil e da sensação de proteção advinda da crença no poder dos pais na infância? A delicadeza frágil desse ser, despossuído de suas auto e heteroreferências, empreendendo uma viagem ao desconhecido com pouca bagagem, o conduz por zonas de alto risco. Como se transitasse por uma estrada estreita, cercada por abismos de ambos os lados. E os abismos, é claro, cheios de vazio, são a mais acabada representação da morte. Fundamentalmente, o risco que enseja a passagem adolescente é um risco de morte.

A lírica imagem que propõe Mariano Horenstein (2021) para explicar o adolescente contemporâneo é a de um equilibrista em uma corda bamba, situada nas alturas, entre duas torres, pela qual deve atravessar. A torre da infância, lugar do brilho, do lúdico, da luz e das certezas, de onde parte, e a da vida adulta, com suas exigências, opacidades e incertezas. O adolescente, condenado a ser peregrino, padece de não saber ir e de não poder voltar. Mas arrimar-se por demasiado tempo à torre da infância, sem explorar o vazio, também assegura a morte do sujeito, acovardado frente ao crescimento e ao fluir temporal.

Antes de problematizar acerca das formas de subjetivação contemporâneas, precisamos percorrer um pouco o trabalho psíquico necessário ao ser humano para construir a adolescência.

Puberdade: busca de representação e espelhamento

Na linda metáfora do equilibrista, que tomei emprestada de Horenstein, vou agregar um posto avançado na travessia que se chama puberdade.

A experiência puberal costuma passar despercebida, sendo subsumida na adolescência, vista apenas como a explosão hormonal que acompanha o ser adolescente. Entretanto, a clínica com jovens mostra que são etapas bastante discriminadas, com mecanismos e operações psíquicas muito distintas, e que a qualidade do trânsito pela fase anterior determina fortemente a construção da adolescência.

Na puberdade o sujeito tem a urgência de processar, metabolizar o novo corpo que subitamente passou a habitar. A forma brusca dessa mudança corporal traz ao púbere a angustiante experiência de estranhamento por passar a não reconhecer a imagem que o espelho lhe reflete. É um indivíduo em choque. O fato extremamente disruptivo de não encontrar a imagem conhecida de si mesmo impõe o árduo trabalho de assimilar psiquicamente sua nova aparência física. Entretanto, o fracasso nessa apropriação do corpo pelo Eu – lembrando as palavras de Freud: “o Eu é sobretudo um Eu corporal” – ataca a noção

de si mesmo e, consequentemente, compromete os trabalhos posteriores da adolescência.

O uso do termo “assimilar” para definir esse processo de apropriação não é casual. Remete ao processo digestivo, que, ao sintetizar o alimento vindo de fora, torna-o próprio, torna-o corpo. Essa imagem é bem explorada por Piera Aulagnier (1977) no seu modelo de aparelho psíquico. Desde que nasce, para poder suportar a vida, o ser humano ainda incipiente tem que lidar com os impactos do mundo em seu corpo, mediante o que entra pelos sentidos. E isso se dá por meio do trabalho psíquico por excelência, que é o processo de representação, essa faculdade humana de “ligar” (Freud, 2006b) e dar contornos ao acontecimento impactante por meio de uma sucessão expressiva que parte da sensação, segue pela imagem e tenta conquistar o requinte da palavra, com seus múltiplos sentidos. Esse é o processo representativo característico da pulsão, um corpo não apenas se apresenta, deve ser representado psiquicamente para ganhar potência nessa *gestalt* que produz identidade e certa convicção de existir.

Esse processo é incessante, se inaugura no início da vida e vai se sofisticando durante todo o percurso do desenvolvimento e amadurecimento, até a morte. Entretanto, em minha opinião, temos alguns períodos especialmente frágeis nessa caminhada. Destacaria o início da vida, pela situação de inermidade do bebê humano e sua dependência absoluta de um ambiente protetor que o habilite a assimilar os impactos de estar no mundo.

O outro momento de extrema delicadeza que eu saliento é a puberdade, pela explosão hormonal que faz desaparecer abruptamente o corpo que até então dava identidade ao sujeito. Até esse instante explosivo as transformações corporais seguiam um ritmo mais uniforme.

Faz sentido, neste momento de nossa reflexão, incluir uma menção ao ritmo musical como metáfora do processo de crescimento. A música é composta dentro de um parâmetro temporal, e o que controla a sucessão de sons dentro do tempo é o ritmo. Constitui a marcação

do tempo de toda música. Ele fornece o compasso em que se constrói a harmonia e a melodia. No processo de amadurecimento, o ritmo vai seguindo uma cadência mais ou menos uniforme, em situações normais. Entretanto, a explosão hormonal da puberdade provoca uma quebra dessa marcha do crescimento, com uma transformação corporal brusca que exige um trabalho psíquico muito mais intenso do que o requerido até esse momento para representar a nova materialidade.

A vivência de estranhamento do púbere frente a sua nova imagem é da ordem do *Unheimlich*, de Freud (2019). Quando o familiar se torna estranho, não mais reconhecido como próprio, traz essa “inquietante estranheza”, que anuncia algo que é simultaneamente alheio e familiar para o sujeito. São vivências disruptivas, intensamente angustiantes.

O grupo de pares passa a ocupar um lugar muito importante, como uma forma de cometabolização dos efeitos emocionais do crescimento. Ao observar as transformações no corpo do amigo, os indivíduos também vão elaborando a própria mudança corporal. Vão se reconhecendo por meio do crescimento e das transformações corporais do outro.

Por tudo isso, a vulnerabilidade, o desamparo e a necessidade de reconhecimento pelo outro são a realidade de meninos e meninas que vão tramitando novas composições identitárias, que o crescimento vai impondo.

Esse susto do púbere frente às transformações corporais é explorado maravilhosamente na literatura, no cinema e em várias manifestações da cultura.

Alice no País das Maravilhas (2019 [1865]), de Lewis Carroll (pseudônimo de Charles Lutwidge Dodgson, escritor, fotógrafo, matemático, reverendo anglicano e professor universitário inglês) é uma narrativa ricamente ilustrativa dessa circunstância. Inúmeras são as alusões à passagem do tempo, às transformações corporais, ao enigmático próprio da aventura de crescer e à pergunta que interpela entranhavelmente o púbere: quem sou eu?

A protagonista está entediada, deitada na grama do seu jardim, quando vê um coelho vestido e falante, com um relógio, dizendo-se atrasado. Já uma clara referência ao tempo, com a ideia de que há um atraso para chegar a algum lugar, que nunca se sabe qual é. Ao seguir o personagem, Alice cai num buraco, uma queda livre e brusca – emblemática da surpreendente irrupção da puberdade – que a leva a uma sala onde há uma porta muito pequena, que seu tamanho não lhe permitiria cruzar, e uma chave sobre uma mesa. Ali há um frasco com um líquido e dizeres em que se lê: “beba-me”. Ela bebe e fica muito pequena; agora poderia passar pela porta, mas nesse tamanho não pode mais alcançar a chave sobre a mesa. Frustrada, chora muito e suas lágrimas alagam o ambiente, o que lhe permite subir nadando e alcançar a desejada chave. O choro parece aludir ao luto pela perda do mundo infantil. Mas é precisamente a possibilidade de chorar as suas perdas que lhe dá acesso à chave e a abrir a porta para a aventura de crescer – a chave como símbolo da abertura de um portal para o futuro, que se vive de forma ambivalente. Também a condição de estar nadando sugere um retorno ao útero materno. O caminho do crescimento nunca é linear; ensaia-se cruzar umbrais para o novo, mas voltar à proteção do já conhecido também é necessário para seguir.

O cruzamento da porta a conduz a um mundo fantástico, cheio de surpresas, situações confusas, enigmas e perigos. A oscilação entre os tamanhos se repete muitas vezes na história, tentando expressar o trabalho psíquico do púbere para apropriar-se da realidade do corpo e do tamanho que ocupa no espaço.

Nesse mundo, Alice está sempre perplexa, sem saber para onde vai e encontrando pouca ajuda dos personagens para entregar-lhe respostas. Torna-se evidente sua solidão. Essa condição caracteriza a puberdade, já que o grupo de pares ainda não é tão significativo nessa fase como virá a ser na adolescência. Ademais, na família não encontra um suporte, já que os pais também se encontram desacomodados com a perda da criança e o encontro com as vertiginosas transformações

do filho em crescimento. O efeito *Unheimlich* que acomete o púbere também se apresenta nos pais, que devem processar a súbita aparição de um jovem que lhes arrebata a amada criança. Nessas condições o púbere não conta com a mãe empática da primeira infância, que tão bem sabia lê-lo. A mãe atual está a léguas de distância, tratando de entender as novas pautas de relação com o novo filho.

De volta a Alice, há uma passagem em que a menina se encontra com uma lagarta sobre um cogumelo, fumando narguilé.

A lagarta tira o cachimbo da boca e pergunta a Alice com voz lânguida e sonolenta: “Quem é você?” Alice responde: “Eu... já nem sei, minha senhora, nesse momento... Bem, eu sei quem eu era quando acordei esta manhã, mas acho que mudei tantas vezes desde então...”.

No diálogo com a lagarta, Alice lhe interroga se não se sentirá estranha quando virar borboleta, ao que esta responde: “não, nem um pouco”. Sugere ainda à menina, como algo importante, que “mantenha a calma”.

Nesse lírico momento da história, a lagarta, emblema da metamorfose como um fato natural da vida, tenta produzir um reequilíbrio frente ao estranhamento que vai gerando o crescimento. Traz a mensagem tranquilizadora de que as transformações fazem parte da aventura de viver.

A vivência de *Unheimlich*, produzida pelo desconhecimento de si mesmo do púbere, é magistralmente expressa na fábula por uma Alice sempre assombrada com os acontecimentos que a interpelam. A rainha de copas, que obriga seus súditos a pintarem as rosas brancas de vermelho, pode representar uma mãe terrorífica, que condena as meninas ao imperativo feminino da menarca e da sexualidade genital. A ameaça proferida pela rainha vem na ordem: “cortem as cabeças!”,

alusão à castração e a uma defesa radical frente ao pulsional, por meio da cisão corpo-mente.

Claro que seria impossível explorar todos os simbolismos dessa magnífica obra neste espaço. O objetivo é apenas destacar algumas operações fundamentais que se levam a cabo na puberdade e que as aventuras no País das Maravilhas retratam tão bem. Além disso, frisar que o movimento subjetivante da passagem para a vida adulta não implica só os lutos, sobre os quais antes se colocava a ênfase. O trabalho na puberdade é, sobretudo, o de se apropriar de uma imagem que surge abruptamente, obrigando o sujeito a uma assimilação do real do corpo em uma nova identidade.

Assim, o grande trabalho psíquico do adolescente, que é abandonar o mundo, os pais e o corpo infantil, já começa na puberdade e se consolida na adolescência propriamente dita.

Adolescência: um trabalho historizante

Ricardo Rodulfo (2004) é muito feliz em descrever essa fase do desenvolvimento como uma perspectiva de trabalhos simbólicos a cumprir. Migrar do familiar ao extrafamiliar, romper com a criança ideal dos pais, achar uma possibilidade de ser, de se reinventar.

Trata-se de um processo de historização da infância que leva a cabo o adolescente. Organiza o turbulento trabalho de desconstrução efetuado na puberdade, apaziguando a explosão sensual e fantasmática que varreu a infância. Encontra apoio para essa tarefa sobretudo no grupo de pares. O incremento da sociabilidade vem para encenar o pulsional desenfreado que a puberdade pôs em marcha. Por meio das relações nos grupos de jovens, com seus conflitos, amores e desamores, intrigas, alianças e rupturas, os adolescentes produzem cenas que vão despregando o caudal pulsional e produzindo roteiros capazes de ligá-lo, representá-lo. Um profundo trabalho de metabolização psíquica é empreendido pelo Eu adolescente.

Piera Aulagnier descreve poeticamente esse processo como o trabalho de “construir-se um passado” (1992). O adolescente é um sujeito que se historiza, situando-se como seu próprio biógrafo ao narrar-se a si mesmo. Na infância, era narrado pelo outro, alienado no discurso e no desejo dos pais; a adolescentização torna-o *biógrafo de si mesmo*, nas palavras de Aulagnier. A partir do inter-jogo daquilo que ela chama de “fundo de memória”, material oriundo do impacto das primeiras representações, e os “possíveis relacionais” (Aulagnier, 1992, p. 445), novos encontros, imantados por essas primeiras identificações, o sujeito se torna capaz de construir-se um passado. Essas impressões originárias constituem o “capital fantasmático que vai decidir o que formará parte de sua investidura, do seu desejo e o que será marcado pelo carimbo do rechaço, do negativo, do mortífero” (Aulagnier, 1992, p. 444). Essa é a transformação que caracteriza a adolescência, a apropriação quanto aos enunciados identificatórios fundantes do discurso parental, que permitirá a ação criativa do novo, construindo um espaço-tempo futuro que, mais do que nostalgia do passado, constituirá a inclusão identificante de novas formas de investimento do projeto identificatório, resultado desse processamento do herdado. Daí a grande metamorfose, a operação adolescente que torna o sujeito capaz de pensar-se a si mesmo em forma autônoma. Uma manobra de virada que abandona os restos do Eu ideal e seus objetos amorosos e catapulta o ideal do Eu, como condutor de um caminho que dá lugar ao novo na busca e encontro com o objeto. Segundo Córdova (2010),

sempre está em jogo um processo dialético entre a força fusionante do puberal e os trabalhos separadores do adolescente. O puberal ativa o Édipo genital, o adolescente permite a sua elaboração. O puberal permanece próximo ao Eu ideal como anseio narcisista de retorno; o adolescente cria as condições para a primazia do ideal do Eu, como projeto

identificatório e horizonte que sinaliza um possível caminho de saída para o sujeito adolescente. (p. 48)

Essas operações permitem ao adolescente abandonar certas posições de onipotência, experimentando já alguma renúncia aos sonhos que se apresentam como impossíveis. É um caminho que não permite volta, mas que só pode ser percorrido de forma não traumática por meio de uma perspectiva transicional.

Adolescência e transicionalidade

Esse conceito revolucionário cunhado por Winnicott (1975 [1951]), a transicionalidade, é o próprio emblema da adolescência. Fala de um espaço entre duas realidades que permite o ensaio, o ir e voltar para poder seguir em frente, a experimentação. É a dimensão espacial “entre” o antes já conhecido e calmante e o novo, cheio de incertezas, inseguranças, mas que também instiga a conquistar. A criação dessa ponte psíquica entre duas realidades, que estabelece uma terceira área possível para existir, é o que permite viver todo o impacto disruptivo da mudança sem “quebrar” internamente. É a forma de manter a estabilidade da marcha do movimento de representação dos impactos das incertezas frente ao novo.

O conceito winniciotano (1975) vem para dar conta da construção da alteridade no psiquismo. A vivência transicional é a condição ordenadora e protetora do movimento que parte da fusão inicial para uma concepção da mãe como algo externo e separado. O estabelecimento dessa terceira área é o que possibilita que a experiência sempre disruptiva da separação no início da vida não tome o rumo adverso do trauma e interrompa a continuidade do ser do bebê.

Portanto, o estabelecimento da transicionalidade é a ponte que leva ao encontro com um novo sentido de realidade, sem uma ruptura no sentimento de existir. Esse espaço potencial, que não está localizado

nem dentro nem fora, é a área inaugural de separação entre bebê e mãe, que permite a exploração. O bebê se ensaiá independente, explora o mundo, mas sabe que pode voltar para o colo da mãe se for tomado pela insegurança. Por isso a transicionalidade só é possível com uma mãe viva e com a confiança na sua existência pelo bebê.

A concepção desse “entre” ilumina a compreensão do movimento do ser humano em busca da sua incessante construção e transformação. Inaugura-se no início da vida, mas constrói um padrão no enfrentamento do sujeito com o novo e com os desafios que se replica ao longo da existência.

Assim, a descoberta da diferença Eu-não Eu na fase precoce é o modelo do futuro e incessante relacionamento do ser humano com o porvir desconhecido, com o estranho, o não Eu. A posição adolescente, portanto, pela mutação identitária que enseja, revisita radicalmente essa operação primeva de composição de um Eu. Na adolescência um “novo” Eu deve ir se construindo transicionalmente, no caminho de uma identidade adulta.

Esse trabalho construtivo do adolescente é visível na forma como este lida com a linguagem, construindo neologismos e formulações linguísticas inovadoras que o “traduzem” melhor do que o léxico já existente, sentido como caquético, obsoleto e também escasso para expressar a complexidade do seu sentir.

Como bem sustenta Córdova (2010),

em resposta ao silencioso embate entre a pulsão e as vertiginosas transformações no real do corpo, os adolescentes necessitam recorrer a significantes próprios, às vezes inéditos para “apalavrar” e inscrever esse íntimo acontecimento e subjetivá-lo. (p. 26)

É um trabalho criativo de desordenamento da linguagem, gerando novos sentidos que os expressem em sua insondável poesia e que

constituam outra via de desalienação. A linguagem do adulto, à qual estiveram sujeitados até então, cede lugar a novos códigos linguísticos, dos quais se apropriam, assim como têm que fazer com seu novo corpo, como uma forma de “dizer algo em nome próprio” (Córdova, 2010, p. 28).

Creio que as imagens visuais com as quais tratamos de desenhar a adolescência, em nosso imaginário de adultos que tentam falar sobre ser adolescente, sempre trazem embutida a sombra da morte. A figura que propus, da estrada estreita cercada de abismos, ou a corda bamba entre as torres de Mariano Horenstein, vislumbram o risco de morte inerente à passagem. São imagens que tratam de travessia, movimento, tentativa de seguir em equilíbrio e alto risco de cair no vazio. Esse é o ponto que quero explorar agora.

Nas primeiras interações mãe-bebê, o ambiente trata de proteger o pequeno do risco da desintegração psíquica pelo encontro com a vivência de desamparo. No caminho da integração do *infans* num Eu, o risco à espreita quando o real toma intensidades abrumadoras é a queda no vazio representacional, que implica a ruptura da continuidade de ser. Também, dito de outra forma, a vivência fragmentadora do desamparo, quando a mãe se ausenta além das possibilidades do bebê de processar essa falta, interrompe a marcha do movimento de apropriação da experiência por meio do psiquismo. A representação psíquica do vivencial vai dialeticamente construindo um psiquismo. Criar psiquismo é criar representação, é *psiquicizar* (Benyakar & Lezica, 2006). É gerar contornos para a experiência por meio da representação.

O processo adolescente é, em certa dimensão, análogo ao do bebê que está se integrando num Eu/*Self*. O perigo representado pelo abismo é o da fragmentação, da desintegração, caso a transicionalidade do processo não se efetive. Cair no abismo é a expressão do nada, do não ser, da morte do ser.

Winnicott vai além, com uma formulação muito precisa: se no crescimento a fantasia que está em jogo é a morte, na adolescência passa a ser o assassinato. Crescer significa ocupar o lugar do pai e da mãe, por isso é inherentemente um ato “agressivo”, “uma transformação que se faz sob o cadáver de um adulto” (Winnicott, 1975, p. 198). Entretanto, os pais devem sobreviver, não só concretamente, espera-se, mas como uma função indispensável na vida do adolescente (Winnicott, 1975, p. 198).

As formas de subjetivação contemporâneas tecendo as adolescências

Abordar as formas de subjetivação vigentes no tempo que habitamos é, no mínimo, desafiador. Não temos a devida distância para pensá-las e para avaliar a intensidade e o alcance de seu poder subjetivante. Nossa relação com a cultura desvenda a dimensão daquilo que nos excede e que nos faz mais conduzidos do que condutores.

Entretanto, escutar as vozes do nosso tempo interpela e convoca profundamente nossa vocação psicanalítica. Como diz Agamben (2006), “O contemporâneo é aquele que percebe o escuro do seu tempo como algo que lhe concerne e não cessa de interpelá-lo... é aquele que recebe em pleno rosto o facho de trevas que provém do seu tempo”. Definitivamente não temos a distância, nem a luz certa para enxergar nosso tempo com suas complexidades e o impacto que produz, desvelando nossas fragilidades e nosso desamparo. Ainda assim, assombrados e perplexos, estamos “implicados” e condenados a olhar nosso entorno, tratando de não sucumbir a uma visão apocalíptica que nos leve a um colapso de sentido.

O primeiro a ressaltar sobre a nossa sociedade é o fato de ser caracterizada pela hipertecnologia e pela hiperconectividade, por meio da internet e das redes sociais.

A tecnologia passa a ser um fator constituinte da subjetividade no mundo contemporâneo. A reflexão sobre a invasão das infâncias e das adolescências pelas máquinas, por meio de celulares, jogos eletrônicos, computadores, *tablets* etc., vem nos ocupando há bastante tempo e trazendo, sobretudo, uma feição preocupante sobre essa realidade.

Um ponto a destacar me parece o risco à vivência da transicionalidade, tão própria dessa fase da vida e tão necessária para conduzir os processos de mudança em um ritmo não desestruturante, como dizíamos anteriormente. A exposição aos aparelhos, desde a infância e ainda mais incrementada na adolescência, leva a que o jovem esteja exposto a uma diversidade de cenas e de expressões do real humano para a qual não está maturativamente habilitado.

A importância da vivência transicional no processo adolescente, para dar suporte às vertiginosas mudanças, que de forma tão veemente defendi algumas linhas acima, se vê comprometida por essa também hiperexposição do adolescente a conteúdos inquietantes e enigmáticos que entram pela internet. Estes dizem respeito ao mundo adulto e a certas faces sombrias da produção humana, para os quais não conta com ferramental que lhe permita decifrar e metabolizar.

Outro aspecto importante da nossa cultura, além do já mencionado, é um certo imperativo no sentido do desempenho e da *performance*. Isso diz, de forma muito impactante, o filósofo coreano Byung-Chul Han, que nos descreve como a *sociedade do cansaço* (2021).

Ele afirma que a violência hoje não é mais exercida pela dialética do senhor e do escravo, em que há um explorador e um explorado. A exploração foi internalizada pelo sujeito contemporâneo e ele se transformou no patrão de si mesmo, no empresário de si mesmo. A demanda de perseverar e não fracassar e a ânsia pela eficiência vai levando-o a um sacrifício de valores fundamentais. Perde-se o contato íntimo, o tempo em família, o lúdico entre pais e filhos. Essa condição

deixa os jovens em solidão, também pressionados por demandas de sucesso num mundo grande demais.

Os pais, empurrados para o desempenho e exaustos, não encontram tempo e energia para acompanhar seus filhos e estar mais próximos e alertas quanto aos conteúdos que são consumidos pelo adolescente. É difícil que os adultos ocupados, cansados, empresários de si mesmos, possam ter ideia dos riscos aos quais suas crianças estão expostas. Sugiro, entretanto, que tentem estar mais perto.

É claro que a internet e a tecnologia trazem experiências importantíssimas de encontro, de vencer distâncias e de promover ricos intercâmbios. A ideia não é demonizar os formatos contemporâneos, nem incentivar práticas tecnofóbicas, mas interpelar e analisar a subjetividade da nossa época e, dentro dos limites possíveis, buscar sobreviver ao mal-estar reinante nessa cultura ou em qualquer outra, em qualquer momento do mundo. Para isso, talvez tenhamos que fazer um trabalho de luto pelos formatos anteriores e abrir espaço para incorporar os novos modos de subjetivação.

As condições globalizadas nos permitem testemunhar tudo do sofrimento humano, em todos os lugares e em tempo real. Sempre há uma câmera que vê e mostra. Mostra também o que não queremos ver. Não há forma de que essa experiência de ver em demasia não nos modifique por dentro. Acompanhar as façanhas dos seres humanos no exato momento em que elas ocorrem já não nos permite deixar de implicar-nos nos acontecimentos. E dessa experiência não saímos incólumes.

Como diz Tesone (2023), “o Eu contemporâneo é um Eu fragmentado e múltiplo” (p. 155). Alerta que não trata de uma fragmentação psicótica, mas sim de uma plasticidade na organização psíquica, tecida na intimidade do laço social, própria do entramado cultural contemporâneo. São novas formas de amor, muito mais diversificadas, novos valores e perspectivas, novas formas de sofrer, de sentir, de pensar-se.

A construção das adolescências cavalga sobre esses imperativos deste tempo. Construir-se um passado, delimitando a infância e organizando o fluir temporal, é um trabalho necessário, que deve acontecer sob os auspícios da transicionalidade. Essas operações devem suceder como um processamento da pulsionalidade radical que estourou na fase puberal. As condições do mundo hiperconectado, entretanto, são desafiadoras para conquistar tal apaziguamento. A excitação contumaz, vivida por meio das redes, as cenas impactantes dos vídeos que assistem, os *chats*, que geralmente acontecem entre vários participantes, são atividades constantes e vertiginosas que não permitem o repouso, a contemplação, o silêncio para processar o trabalho adolescente. São as circunstâncias próprias dessa cultura e que dão a tessitura singular da transição adolescente contemporânea.

Referências

- Agamben, G. (2006). O que é o contemporâneo? In *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Argos.
- Aulagnier, P. (1977). *La violencia de la interpretación*. Amorrortu.
- Aulagnier, P. (1992). Construirse un pasado. *Adolescencia, Revista APdeBA*, 13(3), 441-468.
- Benyakar, M., & Lezica, A. (2006). *Lo traumático. Clínica y paradoja*. T2. Biblos.
- Carroll, L. (2019 [1865]). *Alice no País das Maravilhas*. Classic Edition.
- Córdova, N. (2010). Del Pictograma al Pentagrama. In N. Córdova, & A. Grassi, *Entre niños, adolescentes y funciones parentales: psicoanálisis e interdisciplina*. Entreideas.
- Freud, S. (2006a). O Ego e o Id. In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud – Edição Standard Brasileira* (Vol. XIX). Imago.

- Freud, S. (2006b). Interpretação dos sonhos, cap. VII. In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* – Edição Standard Brasileira (Vol. IV). Imago.
- Freud, S. (2019). *O Infamiliar (Das Unheimliche)*. Edição comemorativa bilíngue. Autêntica
- Han, B. C. (2021). *Sociedade do cansaço*. Vozes.
- Horenstein, M. (2021). *Funambulistas: travesía adolescente y riesgo. Viento de fondo*.
- Rodulfo, R. (2004). *El niño y el significante*. Paidós.
- Tesone, J. E. (2023). *Un dolor sin sujeto. Marcas disruptivas en el psiquismo, resignificadas*. Letra Viva.
- Winnicott, D. W. (1975 [1951]). *O brincar e a realidade*. Imago.



O adolescer é uma fase de transição no processo de desenvolvimento do sujeito que envolve tanto aspectos psíquicos como corporais. Abrir mão da infância, lidar com o luto dessa fase e com a despedida do corpo que até então existia, para enfrentar as transformações orgânicas e psíquicas, fruto dos efeitos hormonais que levam o adolescente a se desconhecer e a se reconhecer diante do novo que se apresenta, não é tarefa fácil. É uma fase da vida cheia de interrogantes, de desconhecimento, ao mesmo tempo que tem a onipotência e a coragem como marcas significativamente fortes. Diante das transformações socioculturais ocorridas nos últimos anos, os profissionais que cuidam da saúde mental, em especial nós, psicanalistas, fomos provocados a estudar cada vez mais, a atualizar os conhecimentos para compreender as alterações advindas de um sujeito em constituição. Este livro nos convida a percorrer caminhos que, de alguma forma, todos já trilhamos, para que, utilizando referenciais teóricos e clínicos, possamos aprofundar nossa capacidade de escuta e intervenção diante dos nossos pacientes.

PSICANÁLISE

ISBN 978-85-212-2695-6



9 788521 1226956



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

Prints da adolescência

A construção subjetiva do adolescente

Patricia Rivoire Menelli Goldfeld, Katya de Azevedo Araújo
ISBN: 9788521226956
Páginas: 200
Formato: 14 x 21 cm
Ano de Publicação: 2025